



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Jornalismo

Iana Lua Dias da Cruz

Itambé: histórias de um condomínio

Grande Reportagem com fotografia e texto

Florianópolis, novembro de 2011



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Jornalismo

Iana Lua Dias da Cruz

Itambé: histórias de um condomínio

Grande Reportagem com fotografia e texto

Relatório do Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade
Federal de Santa Catarina como
requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Jornalismo,
orientado pela Profa. Dra.
Aglair Bernardo.

Florianópolis, novembro de 2011

SUMÁRIO

1	Introdução.....	4
2	Processo de Produção.....	5
2.1	Apuração.....	5
2.2	Redação.....	6
2.3	Fotografia.....	7
2.4	Projeto Gráfico.....	7
2.5	Revisão.....	8
3	Avaliação.....	8
4	Referências Bibliográficas.....	9

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso não foi uma decisão fácil para mim. No início da faculdade, via colegas já com ideias elaboradas sobre o que iriam abordar e me sentia na obrigação de fazer o mesmo. A cada nova disciplina e a cada novo assunto que me interessava, descobria um leque de temas e suportes com os quais poderia trabalhar. Ao longo desses anos, mudei de ideia inúmeras vezes. Queria fazer algo socialmente relevante, desafiador, apaixonante, que provasse minha capacidade como jornalista, com boa possibilidade de publicação e financeiramente viável.

Comecei a disciplina de Técnicas de Projetos duas vezes, e, por mais que tenha elaborado projetos quase completos, não concluí por não estar satisfeita com o tema escolhido. Já desanimada, na terceira tentativa, encontrei uma proposta que cumpria com os requisitos descritos acima. Porém, já em Projetos Experimentais, questões de outra ordem começaram a surgir: chuvas excessivas atrasaram o cronograma (eu iria fotografar campos de cultivo de alimentos), a falta de apoio financeiro da empresa parceira inviabilizou as viagens mais longas e me dei conta que o trabalho não seria executável no tempo de apenas um semestre. A solução era realizar apenas parte do havia proposto, mas sabia que o resultado final seria muito prejudicado.

Marquei uma reunião com a Aglair, minha orientadora, e expliquei a situação. Ela questionou se havia algum outro tema que eu gostasse e que fosse ser, acima de tudo, prazeroso de trabalhar. Falei do Itambé, o grande e famoso condomínio da Trindade. Ainda me lembro da primeira vez que estive lá. Era uma sexta-feira à noite, e fui visitar duas amigas da faculdade. De dentro do apartamento, via as crianças brincando lá embaixo, os carros chegando e jovens conversando nos banquinhos. Escutava gritos, risadas, músicas diferentes, uma briga de casal. Na época, um amigo morava no bloco da frente, e conversamos com ele penduradas na janela. O tamanho do condomínio e a profusão de pessoas gerou uma impressão muito forte em mim. Sempre morei em casa e não conseguia imaginar como aquilo podia dar certo.

Era só uma ideia, e, mesmo relutante por não ter um projeto formal, decidi levar a cabo. Optei por manter os suportes escolhidos anteriormente – fotografia e texto em formato de crônica –, sobre os quais já havia pesquisado e tinha bastante intimidade. Porém, tive que recomeçar do zero em outros aspectos. Para saber se o novo tema realmente rendia, fiz uma visita ao Itambé, dessa vez com olhar jornalístico. Logo de cara identifiquei diversos personagens e, conversando com o síndico, descobri que se

tratava do terceiro maior condomínio de Florianópolis e um dos mais antigos. Liguei para imobiliárias que me confirmaram a importância e popularidade do Itambé no bairro e até na cidade. Para delimitar o tema, procurei inspirações em produtos jornalísticos, como o documentário “Edifício Master”, de Eduardo Coutinho, e uma grande reportagem em texto, do New York Times, que narra a história de três gerações de uma família que moram em um mesmo prédio. Decidi, então, que o novo trabalho consistiria em um perfil do Itambé, contado através das histórias de seus moradores. Os suportes de foto e texto em crônica se encaixaram na nova proposta por serem técnicas que aproximam o leitor dos personagens, pela identificação com o fator humano.

2 PROCESSO DE PRODUÇÃO

2.1 Apuração

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, no livro *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística* (1986), explicam que perfil, no jornalismo, é o texto que dá enfoque no personagem e na sua própria vida. O meu personagem, no caso, era um condomínio. E em que consiste, exatamente, a vida de um aglomerado de prédios? E como retratá-la? Só consegui chegar a uma solução depois de já avançada a apuração. Após muitas visitas, percebi que dependendo da hora, já sabia o que iria encontrar no Itambé. Se precisava conversar com Dona Nórdia, por exemplo, não havia motivo em telefonar – sabia que em determinada hora, ela estaria em determinado lugar, e que isso se repetiria todos os dias. Dei-me conta de que o Itambé tem uma rotina, como todos nós, e que essa rotina, por sua vez, é formada pela rotina das pessoas que nele habitam. Esse ritmo é a vida do Itambé, e era nele que eu iria basear meu perfil.

Nos moldes do produto que me dispus a fazer, não haveria espaço para tratar dos mais de 1.600 moradores e dos 33 anos de história do condomínio. Sérgio Vilas Boas, no livro *Perfis – e como escrevê-los* (2003), diz que, diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (no tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. Decidi, então, que escolheria entrevistados que dessem uma ideia geral do condomínio, e que me prenderia ao tempo presente – ou seja, abordaria apenas moradores atuais, por mais que eles contassem histórias do passado. O síndico foi uma pessoa essencial nesse momento, pois, além da permissão para realizar o trabalho, conversando com ele, pude ter uma noção da dinâmica do

condomínio e das figuras mais significativas. Os porteiros também me passaram informações valiosas para decidir com quem iria falar.

Meu maior desafio foi conseguir que os entrevistados se abrissem para mim. O jornalismo, comumente, trata de fatos e entrevista personalidades públicas, artistas e pessoas que tem interesse em divulgar algo ou até mesmo o dever. No meu caso, os moradores não entendiam meu objetivo em entrevistá-los, ficavam desconfiados. Era difícil arrancar mais do que um: “Ah, é muito bom morar no Itambé”. Eu queria ouvir histórias que exemplificassem como o Itambé teve, e tem, um papel essencial na vida de cada um, e como o dia a dia de seus moradores está permeado pelo fato que vivem em um condomínio com muitas pessoas. Percebi que, neste caso, a objetividade jornalística não surtiria efeito. Não alcançaria o resultado desejado se chegasse com uma lista de perguntas prontas, como um formulário a ser preenchido. Para realmente conhecer os moradores e tirar deles o que interessava ao meu trabalho, tive que conquistá-los pouco a pouco. Durante quase duas semanas, circulei pelo condomínio anotando apenas impressões. Conversava com o síndico e porteiros, cumprimentava moradores e despertava curiosidade em alguns. Depois, já mais habituada (eu a eles e eles a mim), abordei pessoas, e após algumas perguntas básicas, partia logo para uma conversa informal. Usei muito a técnica de permanecer em silêncio, mesmo depois de respondida minha pergunta, dando ao entrevistado espaço para falar o que queria. Geralmente, eram nesses momentos que surgiam as histórias mais interessantes. Foram necessárias algumas entrevistas, com cada personagem, até sentir ter captado a essência de cada um.

2.2 Redação

A redação se deu praticamente simultânea à apuração. À medida que considerava ter informações suficientes de um entrevistado, escrevia o texto sobre ele. O resultado foram 15 pequenas histórias avulsas. A questão era: se o Itambé é o perfilado, como garantir que ele será o personagem principal em um texto com histórias de outras pessoas? Aqui usei da percepção, explanada acima, de que a vida do condomínio é formada pela vida das pessoas que nele habitam. Como estava falando do tempo presente, o texto, então, trataria da rotina atual do condomínio, que por sua vez é formada pela rotina dos moradores. Para tanto, por mais que tivesse apurado durante quase dois meses, decidi estruturar o texto como se fosse passado em um dia – já que os acontecimentos se repetem diariamente. Ordenei as histórias de acordo com os

momentos em que seus personagens estão em maior evidência no condomínio: idosos pela manhã, funcionários pela tarde e crianças e estudantes pela noite.

Conversando com a Aglair, chegamos à conclusão que era preciso destacar ainda mais o Itambé no texto. Para tanto, incorporei informações de contexto, como o momento histórico em que foi construído e o comércio que surgiu ao redor, e outras mais específicas, como algumas particularidades que o diferenciam de outros condomínios. Entrevistei o corretor de imóveis que falou da popularidade e de como ele se insere na região. E, para ligar um entrevistado ao outro, acrescentei descrições de detalhes do Itambé e dos diferentes fluxos de movimento ao longo do dia.

2.3 Fotografia

Nas últimas semanas de produção, até mesmo os entrevistados mais fechados já não mostravam desconfiança e, acredito que, por vezes, até esqueciam que eu era uma jornalista. Foi nesse momento, que introduzi a câmera fotográfica. Para não agravar o estranhamento inicial, optei por fazer as fotografias só depois de apurado todo o texto – em tempos de internet, as pessoas tem receio de que sua imagem seja usada indevidamente e uma câmera sempre intimida.

Parti do conceito de Sousa (2004) de fotografia documental. Diferente do fotojornalismo – que pretende em uma foto transmitir o máximo de informação jornalística –, a fotodocumentalidade tem caráter social. Neste gênero, fotógrafo consegue captar de forma mais humana a realidade, proporcionando sensações nas pessoas que entram em contato com a fotografia. Para dar continuidade ao esforço de ressaltar o Itambé como personagem principal do trabalho, optei por não fazer fotos nos apartamentos, e sim apenas nas áreas comuns. Dei destaque às fotos de detalhes, que ilustram bem as especificidades do condomínio. As imagens de pessoas foram capturadas no estilo “paparazzi”, para dar a ideia de que, em um lugar com tanta gente, sempre pode haver alguém observando. Procurei não fotografar os personagens muito de perto para seguir a linha do texto, que aborda superficialmente a história de cada um, e não correr o risco de dar muito o foco para eles.

2.4 Projeto Gráfico

Por falta de tempo e competência técnica, a diagramação foi executada por um profissional, porém eu participei ativamente de todas as decisões. Como não havia o interesse em que o trabalho fosse destinado a uma publicação específica, escolhemos um formato versátil, que pudesse ser utilizado como encarte de uma revista de cultura,

por exemplo. Uma exigência minha era que as fotos tivessem tanto destaque quando o texto, porém sem sobrecarregar as páginas. Optamos por fontes simples e poucas cores, para que não brigassem visualmente com os outros elementos.

Por se tratar de um produto com conteúdo diferenciado, com influências literárias e artísticas, queria que a aparência refletisse esse cuidado. Optei por usar papel de gramatura mais alta, boa impressão e acabamento. Há certo risco em trabalhar com gráficas rápidas, pois nem sempre fica perfeito, mas acredito que o resultado tenha sido satisfatório.

2.5 Revisão

Descobri que tal etapa é essencial em um trabalho dessa dimensão, pois chegou um momento em que era capaz de ler os erros mais absurdos sem percebê-los. O texto foi revisado oficialmente por duas ex-colegas do Jornalismo e lido por mais quatro pessoas. Falhei, porém, em ter feito a revisão quando o texto estava ainda em um documento do Word. Na hora de diagramar, fiz pequenas alterações e dois deslizes passaram despercebidos.

3 AVALIAÇÃO

Por muitas vezes, questionei qual a real importância de um TCC na formação acadêmica. Mostrar que aprendi alguma coisa nos quatro anos de curso? Provar que tenho capacidade de ser jornalista? Pode até ser. Mas, por um lado, esse pode ser visto como o último grande teste de minha graduação, eu prefiro encará-lo como o último grande aprendizado. Apesar dos percalços na escolha do tema, quando comecei o TCC, imaginava que estava pronta, que a execução correria sem maiores dificuldades e que o produto final seria perfeito. Afinal, tinha estudado e sabia como desempenhar as funções que me seriam cobradas – pauteira, repórter, fotógrafa, editora e diagramadora. Mas não foi bem assim. A magnitude do trabalho, e o fato de todas as decisões dependerem apenas de mim, me fez aprender na prática atitudes essenciais para um jornalista. Percebi a importância de um bom planejamento, da paciência em esperar pelos resultados, de saber reconhecer meus próprios erros e deficiências e de ter jogo de cintura para contorná-los.

Aprendi que um bom trabalho não depende apenas de um tema promissor. Algo tão banal como um condomínio pode ser observado com outros olhos e ganhar relevância social. Há histórias magníficas para serem contadas em todos os lugares, basta perceber o potencial. Fiquei surpresa com o prazer com o qual executei o trabalho.

Se durante o curso tive dúvidas se jornalismo era mesmo a profissão que queria seguir; no TCC, o processo fluiu naturalmente, apesar das dificuldades. Se algo não saía como o planejado, não perdia tempo lamentando e logo partia para outra solução. Senti intimidade com as técnicas aprendidas durante a faculdade e lidei com empolgação diante de novos desafios. Ainda não me sinto pronta como jornalista e agora tenho a convicção de que nunca estarei. Mas aí está a graça: a cada novo tema e a cada novo entrevistado, nos deparamos com um novo aprendizado. Antes via o TCC como algo a ser mostrado às outras pessoas, mas agora percebo que a maior beneficiada sou eu. Espero que durante minha carreira profissional possa sentir a mesma satisfação que senti ao realizar esse trabalho.

Acredito que o curso de Jornalismo da UFSC me preparou para a maioria das situações enfrentadas durante o TCC, principalmente no que diz respeito à técnica. Por mais que durante a faculdade tenha tido a sensação de não estar aprendendo nada concreto, percebi que os conhecimentos estavam ali, prontos para serem usados. Porém, tive dificuldade em lidar com o todo. Aprendemos sobre diversas áreas específicas em disciplinas distintas, e só no TCC somos desafiados a colocar muitas juntas em um mesmo trabalho. Esta foi a primeira vez que realizei sozinha tantas funções e senti realmente a necessidade de me planejar. Seria bom se o curso pudesse oferecer maior interação entre as áreas – o que inclui também uma melhor contextualização das disciplinas teóricas com as práticas – para que decisões de ordem teóricas possam ser tomadas com maior consciência.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SA, Jorge de. **A crônica**. São Paulo (SP): Ática. 1985.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação**: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985.

SODRE, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.